

POETISAS DE HOJE
Colecção Patrícia, 1931

Edição electrónica

Magda Miguens
Raquel Martins
Sebastião B. Cerqueira
Vânia Carvalho

Coordenação de Ângela Correia



Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Lisboa
Outubro 2007

Índice

Nota editorial

Fac-símile da capa

Poetisas de hoje

Biobibliografias curtas

Fac-símile da parte de trás da capa

Nota editorial

A presente edição electrónica foi elaborada a partir da edição de 1931 de *Poetisas de Hoje*, publicada pela Empresa do Diário de Notícias, em Lisboa, sob a direcção de Albino Forjaz de Sampaio. *Poetisas de Hoje* foi também incluído na compilação *As Anthologias*, dirigida igualmente por Albino Forjaz de Sampaio e publicada entre 1924 e 1931, em Lisboa, pela Empresa do Diário de Notícias (disponível na Biblioteca Nacional com a cota L. 15381//3 P.). Nesta compilação de colectâneas, *Poetisas de Hoje* foi publicado a par d'*Os Melhores Sonetos Brasileiros*, *Os Eternos Sonetos de Portugal*, *As Mais Lindas Quadras Populares* e *Sonetos*

Contemporâneos. Tem, aí, a mesma extensão que na edição independente (16 páginas).

O exemplar usado na preparação desta edição electrónica foi adquirido em alfarrabista e é composto por oito in-fólios não numerados de 200 mm de altura e 130 mm de largura dobrados ao meio e presos com um único agrafó. A encadernação é constituída por um in-fólio com as mesmas dimensões e gramagem um pouco superior, presa ao livro com o mesmo agrafó que prende as folhas. Tanto na capa quanto na parte de trás foram impressas ilustrações. Na parte da frente da capa, foram dispostas em forma de friso, com o nome do autor e a data da ilustração em baixo (Jorge Barrada, 1924 – Cf. fac-símile, p. 9). Na parte de trás, envolvem a sigla “ENP” (Empresa Nacional de Publicidade), impressa ao centro da página (cf. fac-símile, p. 51). Na

contracapa da frente (canto superior direito), foi colado um selo onde se pode ler o nome “Aurora Jardim Aranha”, sobreposto a um brasão, e as informações “Estante N.º 8 – 3ª p.” e “Livro N.º 2232”.



Na primeira página, sobre o cabeçalho e a introdução, há uma assinatura manuscrita a que a mesma mão juntou a data de 1931. Também manuscritas, junto aos poemas

“Quando me beijas”, de Alice Ogando (página um), “Feia”, de Maria Amélia Teixeira (página nove), e “Incerteza”, de Virgínia Victorino (página 15), estão três notas iguais de caligrafia semelhante: “Já”.

A edição em papel foi em primeiro lugar transcrita para um ficheiro Word. A esta operação seguiram-se várias revisões e, finalmente, o ficheiro Word foi convertido para o formato PDF.

A transcrição foi feita com a principal preocupação de manter a grafia dos textos tal como se pode observar na edição em papel. Mesmo as ausências de acentos ou o recurso a certas formas de acentuar foram reproduzidas. Por exemplo, o conjunto «E'», na edição em papel equivale a «É». Ainda assim, optámos por manter a grafia da edição de 1931.

Decidimos proceder desta forma, porque, por um lado, a grafia não compromete a compreensão do conteúdo e, por outro, uma menor intervenção editorial reduz o risco de deturpações.

A mudança no tipo de letra para a fonte Times New Roman foi, no entanto, inevitável. Procurámos, por outro lado, aproximar-nos do código de tamanhos e formatação de títulos, que procura prestar ao leitor ajuda no entendimento da estrutura do livro.

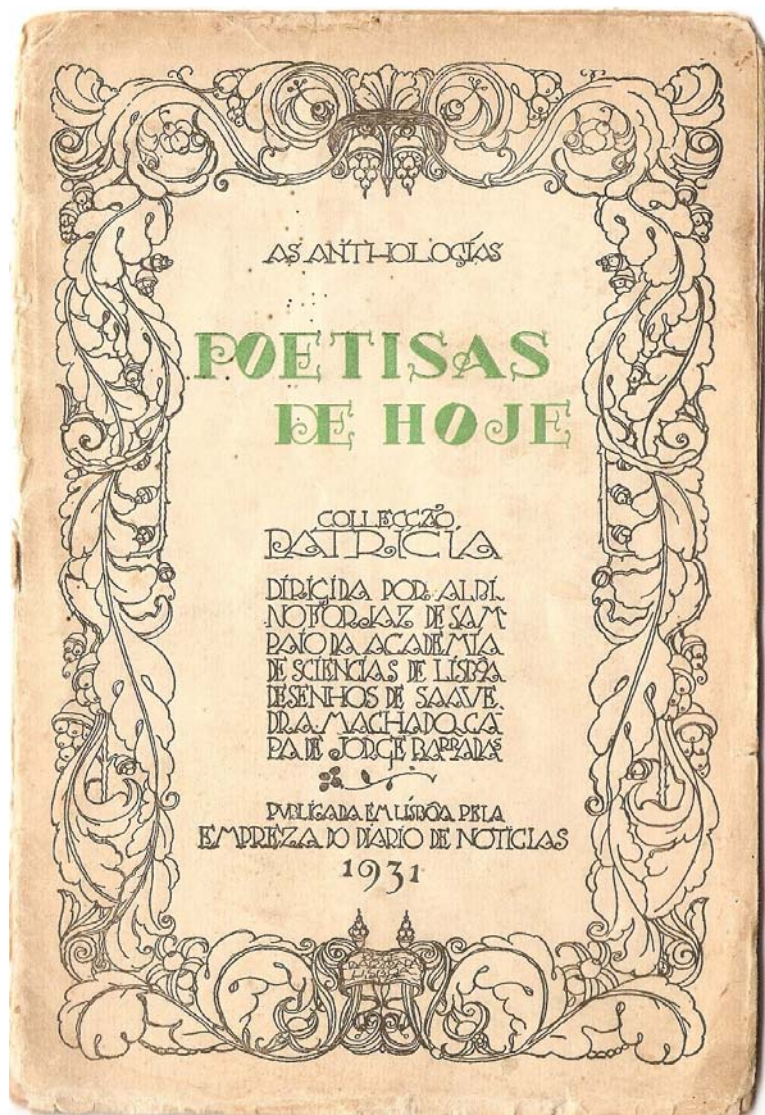
Mantivemos a sequência dos poemas que se encontra na edição em papel, cujo critério é a ordenação alfabética pelos nomes das autoras. Os poemas e respectivas informações foram acomodados em cada página, de modo a que os inevitáveis cortes impostos pela mudança de página não

prejudicassem a leitura. Nada na sequência de cada linha foi, no entanto, alterado.

O poema “Romaria”, de Amelia de Guimarães Villar, é apresentado, na edição em papel, em duas colunas paralelas, numa só página. Considerámos que esta organização do texto não facilitaria a leitura *on-line*, já que implicaria uma redução do tipo de letra. Por esta razão, optámos pela apresentação do texto numa só coluna.

Na transcrição dos textos em prosa, nomeadamente a introdução e as pequenas biobibliografias finais, bem como na transcrição da capa, procurámos reproduzir o tipo de mancha gráfica da edição em papel.

A cor azul indica a existência de hiperligações entre o corpo do livrónico e o índice.



Fac-símile da capa

AS ANTHOLOGÍAS

**P O E T I S A S
D E H O J E**

COLLECCÃO
P A T R Í C Í A

DÍRIGÍDA POR ALBÍNO
FORJAZ DE SAMPAÍO DA
ACADEMÍA DE SCIÊNCIAS
DE LÍSBÔA DESENHOS DE
SAAVEDRA MACHADO
CAPA DE JORGE BARRADAS

PVBLÍCADA EM LÍSBÔA PELA
EMPREZA DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS
1931

JORGE
BARRADAS
LISBOA
1924

POETISAS DE HOJE

Reunir versos, os melhores versos de algumas das poetisas vivas é fazer um lindo e curioso livro, que deve ter muitos leitores e fartos aplausos. A musa feminina teve sempre requintes e sensibilidade que não só diferem profundamente das musas dos poetas mas antes por vezes a excede e nos surpreende. Lér as nossas poetisas não é facil. Edições limitadas e dispersas, livros que só á custa de insano trabalho se logram reunir, tudo isso faz com que o talento feminino seja de dificil se não impossivel julgamento ou mesmo de simples apreciação. Não estão aqui todas, porque a este voluminho outra série se seguirá. Mas estão aqui algumas joias poeticas de extraordinario valor que o publico apreciará. Parece-nos pois que não foi trabalho perdido a colectanea que é mais este voluminho da Patricia.

Albertina Paraíso

Lágrima Ardente

Quando dissemos esse adeus! fatal,
Que as nossas existências desligou,
Uma lágrima tímida e leal,
Serena, pela face me rolou.

E, como um fogo lento e abrasador,
Senti que ela escaldava a tua mão,
Porque encerrava todo o meu amor,
Porque levava em si meu coração!

(Musgos e rosas)

Alice Ogando

Quando me beijas

Quando me beijas, sinto o teu olhar
Por vezes vago, estranho, indiferente,
E até já fui forçada a reparar
Que me não olhas franca, lealmente.

Qualquer coisa tu tens p'ra me ocultar
Uma razão existe, certamente.
Repara amor, como eu, p'ra te beijar
Olho bem os teus olhos frente a frente.

E quando enfim, as nossas duas bocas
Se unem famintas como duas loucas
E vêjo então o quanto me desejas,

Fico absorta e penso entristecida,
Em quem será essa desconhecida
Que tu estás a beijar, quando me beijas.

(Intimidade)

Amelia de Guimarães Villar

Romaria

Em dias de “Romaria”,
Andam na “Festa”, as “Moçoilas”,
Cheias de viço e alegria;
Até parecem papoilas.

Os “Maneis” armam-se em rêde,
E vão das “Moças” à pesca!
— O calor faz muita sêde...
¿ Vai um copo de água fresca?...

Os peitos das “Lavradeiras”,
São como ourivesarias;
Ouro de muitas maneiras,
Com bizarras pedrarias.

Algumas são um tesouro,
E esta frase se explica:
— Aquela que traz mais ouro,
E’ com certeza a mais rica!

Sôbre o peito, os “Corações
De filigrana dourada,
Causam alucinações
Em tôda a rapaziada”.

No “Coreto” está a tocar
A “Banda” da povoação.
Sobem foguetes ao ar,
Vai crescendo a animação.

Dansam-se bonitas rodas,
Cantam-se lindas cantigas...
Lá andam as “Moças” todas.

Siga a roda, ó raparigas!

Nuvens de pó irritante,
Formam-se de tal maneira,
Que a roda pára um instante,
Mas volta logo à canceira.

- “Nas folhas dum Malmequér
Joguei a vida ou a morte” –
Deu-me a mais linda mulher...
Por isso tu me dás sorte!...

- “O destino o quiere assim,
A outro não posso amar;
Mas não te rias de mim
Que às vezes podes chorar...” –

Siga a roda, siga a dança,
Peito a peito, bôca a bôca,
Que a alegria nunca cansa,
E sempre parece pouca.

E todos seguem num grito
De alegria, em desalinho...
Fartinhos de peixe frito,
E atulhadinhos de vinho.

Grupos de vários tamanhos:

- As “Moças” e mais os “Moços”,
Compram doce de Paranhos,
Cinco reis de tremoços...

A tarde vai declinando,
A “Banda” já foi embora.
Volta o povo suspirando,
E quanta gatinha chora!...

Daquelas máguas sentindo,
As penas mais delicadas,
As Heras ficam sorrindo,
Ao velho muro abraçadas...

Beatriz Arnut

O prazer e o desgosto

— Quem és tu, homem lindo e poderoso,
que a rir passas assim tão apressado,
deitando-me um olhar tão desdenhoso?

— Sou o prazer e vou p’ra outro lado!

— E tu homem descalço e esfarrapado,
que amargurado vens a caminhar.
Fitando-me amoroso e apaixonado?

— Sou o desgosto e venho p'ra o teu lar!

(*Saudade*)

Beatriz Delgado

O vicio das rendas

Rendas flutuantes
de Bruges, Chantilly ou Inglaterra,
são, sempre, perturbantes
sejam de qualquer terra.

Rendas de Malline ou Argentan,
finas, cariciosas,
lembram as rosas
a tremular ao sôpro da manhã.

Rendas prateadas
delicadinhas como o arminho,

parecem trabalhadas,
inventadas,
por algum passarinho
no arranjo do ninho.

Rendas altivas ou singelas,
grandiosas ou mesquinhas,
são, sempre, belas
nas humildes donzelas
ou nas grandes rainhas.

Junto da péle, nervosa, da mulher
parecem compreender
que são mais excitantes,
para os amantes,
do que a carne núa.

E no perfume que flutua
nêsse corpo amoroso,
é que encontram o gôzo
de ser formosas, desejadas,
pelas mulheres enamoradas
dum ritual mais grandioso...

Muitas vezes assistem
às lutas do desejo:
e a custo resistem
a envolver,

a defender,
a carne duma mulher formosa
que foge ao beijo
duma boca anciosa.

Outras, são rasgadas
e espesinhadas
como trapos sem valor:
deram lugar ao vencedor
que soube conquistar
o corpo apetecido,
e iludido,
de quem o julga amar...

Rendas sedutoras,
íntimas confidentes da paixão,
são sempre, tentadoras
e teem como tudo, coração.

Rendas femininas,
graciosas e finas,
igualam-se, às vezes, á mulher:
enfeitam quem as quer
e as ama.
Depois, fanadas,
são atiradas
para a lama...

(Meus vícios)

Branca de Gonta Colaço

Versículos

I

Vae desfilando a procissão dos dias...
e os dias levam factos em andôres...

II

E com factos cimentam theorias
os Escribas, os Sabios, os Doutores...

III

E almas ligeiras, simples, erradias,
vão sobre os factos desfolhando flores...

IV

Cravos e rosas para as alegrias,
goivos e lyrios para os dissabôres...

V

E soluçantes, palidas, sombrias,
vão pelos dias perpassando as dôres...

(Canções do meio dia)

“Ritornello”

E os dias, lá vão andando;
e a Vida lá vae passando...
e lá vão indo os Nataes,
á luz, ao calor, ao frio,
como aguas mansas d’um rio
que vão e não voltam mais...

E moças, lá vêm nascendo
outras almas, sempre vendo
novos dias, sempre eguaes....
E ao sol, na terra florida,
lá vae reflorando a Vida;
lá vão voltando os Nataes...

(Ultimas Canções)

Sic transit...

Sol pôsto... Hora de magua e de saudade.
Aza negra a encobrir da terra a fronte.
Na penumbra que desce ao mar e ao monte,

Ha presagios de ignota adversidade!

Escuro e lento, o fumo da cidade,
por sôbre a faixa rubra do horizonte,
como estendendo lutuosa ponte
Cruza de norte a sul a immensidade...

Tudo na sombra se confunde e irmâna!...
Assim no mundo acaba a vida humana
do humano desconcerto entre os baldões...

Assim ao cabo a treva tudo enlaça,
e como fumo ephemero que passa
vão passando no Tempo as gerações...

(Hora da sésta)

Da Profundis

...E silenciosamente
morri, de morte humilde, humildemente,
numa longinqua torre,
num triste anoitecer...

.....

Não é quando se acaba que se morre;

é quando acaba o gosto de viver.

(Últimas Canções)

Cândida Aires de Magalhães

Mocidade

Não ter amor, esperança ou fé que alente,
não ter sequer um bem que nos sorria,
nem consôlo, nem paz... e não ter guia
na vida que promete e assim nos mente;

sentir, dentro de nós, sempre gemente,
o coração faminto de alegria,
- como um cego que pela luz do dia
viva a chorar na sua noite ingente -;

bradar, erguendo os braços para a Morte:
“Em ti encontrarei quem me conforte;
Oh! leva quem não deixa uma saudade!...”

E volver-nos, de longe, a Morte: “E’ cedo,
és moço ainda, cumpre o teu degrêdo!”
Para quantos é isto a mocidade...

Domitília de Carvalho

As Tísicas

(Na Assistência)

Vejo-as perto de mim febris, curvadas
Ao peso dessa cruz que as vai minando
Como tristes, funéreas badaladas
Vão as horas tristíssimas cantando.

Pela visão do longe apavoradas,
Começam a sentir de quando em quando
Sôbre as suas pupilas abrasadas
Vagas sombras, a morte anunciando.

Numa luta gigante, impiedosa
Grande orquestra de tosse cavernosa
Se eleva ao meu ouvido contrafeito.

E tristemente, e doloridamente,
Na agonia dum fim que se presente,
Dobra a finados dentro do meu peito.

(Terras de Amores)

A ronda dos pinheiros

(Em viagem)

Como se fossem monges a rezar
Na branda quietação do fim do dia,
Os pinheiros elevam para o ar
Braços longos de longa nostalgia.

E como o sol sedento de luar
Ao palácio da noite recolhia,
Eles soluçam, soluçam devagar
O adeus com que o Sol se despedia.

.....

Mas ei-los a dançar em ronda estranha
Um bailado de oiro reluzente
Que o Sol beija do alto da montanha.

E os pinheiros erguidos para o ceu,
Lá vão a galopar nervosamente.
Atrás do loiro Sol que anoiteceu.

(Terras de Amores)

Esmeralda de Santiago

Passarinhos

Inspirados poétas que cantais
O sol, a primavera e a natureza
Em poêmas musicais, pela devesa,
E nos bosques ou lindos salgueirais!...

Quantas vezes, cantando, vós chorais
O desabar dum ninho, e que tristeza
Tremúla em vossa voz, que em prantos reza
O fúnebre responso dos que amais!

Negro destino o vosso!... – tão amargo,
Que nem podeis sequer n'um vôo largo
Deixar p'ra sempre a terra e a humanidade!

Impossível passar além da méta!...
Viveis presos, cativos, num planeta
Onde é quimera eterna a liberdade!

(Triste)

Fernanda de Castro

O mercado

“Bem haja o sol! Parece uma laranja
a escorrer sumo...”

- disse a mulher da banca num resumo,
olhando o sol de frente, em linha recta...
e eu pensei: de que vale ser poeta?

“Olá, cuidado! Não me pise a fructa!
Nem olha os pés, só porque tem chapéu!”

E eu penso,, resignada:
Há tanta gente bruta
sob êsse claro e luminoso céu!

Vou passando entre ruas de verdura...
apetece beber tanta frescura!

“Menina da hortaliça, faz favor?”
e logo surge, por detraz dum cêsto,
uma fresca, uma linda e humana flor...
- “Pronto, freguesa, quer levar o resto?”

Delgadinha, flexível como um junco,
tem a cara redonda, o narizito adunco,
e, á força de convívio, a rapariga
tomou a côr dos frutos e da giga.

Por um raro e curioso mimetismo
que lhes torna a aparência mais louçã,
as saloias que vendem hortaliças
são frescas, estivais como nabiças,
e cheiram a tomilho, a hortelã.

Leiteirinhas mais brancas do que o leite
descem das serras tristes e selvagens,
vergadas sob o pêso das vasilhas...
Moças da serra, sem nenhum enfeite,
Aragem na pele e cheiro das pastagens,
passam, airoosas, sacudindo as bilhas.

Peixeiras há que em sua alegre roupa,
açodadas, esbeltas como guigas,
pela cidade vão levando as gigas
como barcos vogando vento em popa.

(Cidade em flôr)

Florbela Espanca

Saudades

Saudades! Sim... talvez... e porque não!...
Se o nosso sonho foi tão alto e forte
Que bem pensara vê-lo até á morte
Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!
Que tudo isso, Amor, nos não importe.
Se êle deixou beleza que conforto
Deve-nos ser sagrado como o pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,
Para mais doidamente me lembrar,
Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fôsse sempre assim!
Quanto menos quizesse recordar
Mais saudade andasse presa a mim!

Do Livro de «Sóror Saudade»

Laura Chaves

Quadras

I

Ha quatro coisas na Vida
Que me custam a sofrer:
Dizer adeus, ter saudades,
Ter ciume e não te ver.

II

E ha quatro coisas tambem
Que dão gosto p'ra viver:
Ser amado, perdoar,
Fazer o bem e esquecer.

(Cantares, Amores, Saudades e Dores)

Mafalda de Castro

Sol entre as nuvens

Dias ha para mim que são nublados,
Que são ocasos negros sem farol,
Mas, se em ti penso, rompe alegre o sol,
E os céus lutuosos tornam-se doirados.

Triste, em tais dias, a piar cuidados,
Chora dentro de mim um rouxinol...
Mas, se em ti penso, aos lumes do arrebol,
Da cotovia alegram-me os trinados.

Se por ti acho o mundo triste e negro,
Tambem por ti me regosijo e alegre,
Vendo os dias, meu-bem, e as noites belas!

Se penso em ti, a terra resplandece!
Ah! que feliz eu fôra se pudesse,
Em vez de te dar versos, dar-te estrêlas!

Maria Amelia Teixeira

Feia

- «Que feia!» - diz-se, ao vêr qualquer pessoa
que não revele em si graça que enleia,
e a nossa alma quási se magoa
se reconhece que a aparência é feia...

Do que é feio tudo se receia;
a quem é feio nada se perdoa...
Por ter beleza tôda a gente anseia...
A mulher bela é logo «meiga e boa»...

Mas ser feio não é não ter feições
puras, celestes como as ilusões:
é ter um ar banal, indiferente...

E' não vibrar com o mal nem com o bem...
ser feio é não ter tido nunca alguém
que gostasse de nós profundamente...

(Despertando)

**Maria Ana Acciaioli
Tamagnini**

Crepusculo

Raios de luz, caíndo ao sól poente,
- Polvilham de oiro os cumes das montanhas;
E n'esse ultimo afágo, loiro e quente,
Os montes teem fulgurações extranhas.

O sol vai a sumir-se, e pelo céu
As manchas de côr rubra empalidecem.
Cobrem-se as serras de arroxeadó véu...
As imensas planicies entristecem.

No lago, extenso até perder de vista,
Os lótus são já perolas sombrias,
Engastados no roseo-amethysta
Das suas aguas limpidas e frias.

A noite envolve no seu denso manto
Toda a paisagem. No silencio, as fontes
Deixam correr, maguadas, o seu pranto

.....
E a lua nasce por detraz dos montes.

(Flor de Lotus)

Maria Candida Parreira

O nosso amor foi um sonho
Foi um sonho, tu bem vês...
Mas eu dava a vida inteira
Para sonhar outra vez!

(Cantigas leva-as o vento)

Maria de Carvalho

XXXIII

Posso estar um instante ao pé de ti,
Um dia, um anno, ou toda a minha vida,
- E' muito a vida toda?... Pois será...-
Amor, quando chegar a despedida,
Eu direi sempre: - Já?

(Pensamentos)

LIII

Que não tinhas coração
Disseste um dia, – e depois
Reparti o meu contigo
E chegou para nós dois.

(Pensamentos)

Vidas

Algumas vidas ha em que parece
Pesar não sei que estranha maldição;
Ha vidas, em que a dôr nunca se esquece
De esmagar lentamente o coração.

Dias e dias, em que se envelhece
Como se fossem anos de aflição;
Horas e horas, em que se apetece
O gelado repouso d'um caixão.

E julga sempre o mundo que avalia
As razões de tristeza, ou de alegria,
Que tenta descobrir em cada vida...

E fala, sem receio de enganar-se!...
Como se a dôr pudesse avaliar-se
Fóra do coração em que é sentida!

(Sonetos)

Maria do Carmo Peixoto

Moleirinha

Brinca a farinha no ar...
O sol brinca na farinha
Parecem também brincar
Os olhos da moleirinha...

E a moleira é trigueirinha
Mas se vem de molinhar,
Vem branca, como a farinha,
Ou como a luz do luar!

A moleira ha de casar,
Um dia de manhãzinha;
Toda ela a branquejar,
Como branqueja a farinha.

Brilha a farinha no ar!
O sol brilha na farinha!
Mais se vêem, a brilhar,
Os olhos da moleirinha!

(Folhas ao vento)

Maria Gabriela Castello Branco

Mas...

Creio no sol, na lua e nesse mar
que vive a marulhar;
no vento que p'la serra se despenha,
na urze da montanha;
e creio, enfim, em toda a Natureza,
tão cheia de beleza.
Mas, vê tu...do amor «eternamente»...
descreio firmemente.

(Algo)

Saudade

«Saudade, Saudade! palavra tão triste,
E ouvi-la faz bem...»

ANTONIO NOBRE

Palavra bem portuguesa,
das terras de Portugal!
Não pode haver, com certeza,
Uma outra igual.

Palavra feita de penas,

eterna como é o Mar,
três sílabas tem apenas
e faz chorar.

Palavra das mais antigas
que o nosso povo mais sente.
E' tema para as cantigas
da nossa gente.

Palavra que a todo o mundo
passara despercebida...
O nosso sentir profundo
lhe deu a vida.

Palavra bem portuguesa,
das terras de Portugal!
Não pode haver, com certeza,
uma outra igual.

Maio – 1925

(Lusitânicas)

Maria Inês Lupi Nogueira

Por um instante esquece toda a gente

Por um instante esquece toda a gente
E pensa só em mim... Vês-me tu bem!
Olho os teus olhos numa prece ardente
Com todo o amor que o coração contém.

Encosta-me assim muito junto ao peito,
Que eu sinta bem as tuas pulsações;
E na tua alma faz á minha um leito,
Embala-me num sonho de ilusões...

Agora escuta: o meu maior desejo
Vou confiar-t'ó no mais doce beijo
Que a minha bôca á tua prometeu...

Muito em segredo, digo de mansinho,
Que ninguém oiça, assim, devagarinho:
Quero-te meu, mas muito meu, só meu!

(Sonetos)

Maria Leonor Reis

Fantasia

Venham vêr-me ilusões e alegrias
Ao parque do meu sonho sobranceiro,
Que eu as espero á sombra do loureiro
A desfolhar as minhas fantasias...

Elas virão caindo como as frias
E desoladas noites de Janeiro...
Irão caindo em neve, num viveiro
Todo composto d'horas fugidias...

Mas formando corôas desbotadas,
Raios de sol, descendo cumeadas,
Veem depôr-m'as sobre a fronte ardente!

E pela primeira vez se ilumina
Meu último sorriso de menina
Tam vago... tam ingénuo... e tam descrente!

(Interrogando)

Marta de Mesquita da Camara

Meu coração

Quantas vezes o julgo arrependido
E fatigado, enfim, de lembrar-te,
Porque chama e não vem da tua parte
Nem a sombra dum eco ao seu gemido.

Quantas vezes o julgo arrependido
E começa de novo a procurar-te,
Chamando o teu desprezo de tal arte,
Como alguém que chamasse um bem perdido!

Esquecer-te não posso, já não tento...
E's, amor, meu constante pensamento!
Para mim não ha paz, já não ha bem

Que não seja a tortura dos escolhos
Que eu encontro na noite dos teus olhos,
Que, enfim, não seja o mal que de ti vem!

(Pó do teu caminho)

Oliva Guerra

A Esperança

Sómente a esperança nos consegue dar
Da ventura a ilusão sempre constante.
Só ela muda em luz a sombra errante
Do nosso sempre eterno desejar.

Pelo poder que tem de transformar
Aproxima de nós a todo o instante
Um momento feliz, sempre distante,
Que todos nós sonhamos alcançar.

“Amanhã”..., diz nossa alma esperançada
Com o olhar nessa luz enfeitada
Que para tudo mais quási nos cega.

“Amanhã” é a voz de oiro da quimera
Que até morrer ouvimos, sempre á espera
De um “amanhã” melhor... que nunca chega.

(Espirituais)

Rosa Silvestre

Resolução

Digamo-nos adeus serenamente!
Eu sinto bem que o teu amor morreu.
Quando sorris, o teu sorriso mente
E o teu olhar já não procura o meu.

Todo o encanto dêsse sonho ardente
Que foi o meu amor, desapar'ceu,
Ficando apenas, doce, mas pungente,
A saudade dum bem que se perdeu.

Nem mais um beijo, não! De que servia
Reviver nesta hora de agonia
Encantos dum amor que já passou!?

Digamo-nos adeus. Tu tens razão!
Pode mais do que nós o coração;
Tenho medo do meu... Tudo acabou!

Virginia Madeira

Trovas

Todas as noites eu reso
O Terço dos sonhos meus;
Cada conta tem teu nome,
Cada prece os olhos teus.

Vivo num sonho tam lindo,
Que não posso despertar;
Se no sonho há esquecimento,
Quero esquecer-me a sonhar.

Quem canta sente saudades;
Quem escuta sente-as tambem;
Os meus lábios, ao cantar,
Teem saudades d'alguem.

(Quadras)

Virginia Victorino

Incerteza

Mentes-me muito, sim. Já m'ó tens dito
E eu tinha-o já tambem adivinhado.

Mas que me importa a mim esse peccado,
Se te desculpo até, se te acredito?

Qual será de nós os dois o mais culpado?
Tu, que mesmo a mentir és tão bonito,
Mudando em graça o teu maior delicto,
Ou eu, porque te tenho acreditado?

Tu, vaes dizendo aquillo que não sentes:
Eu, ando presa a ti, nesta anciedade
De saber o motivo por que mentes.

Enganâmo-nos ambos, sem pensar:
- Tu a mentir, dizendo-me a verdade,
Eu crendo em ti, mas sempre a duvidar.

Ventura

Todos temos qualquer aspiração,
Qualquer sonho na vida a desejar.
Quem o não tem não pode caminhar,
Que sem forças lhe pára o coração.

Leva-se a vida pela nossa mão,
Se um grande sonho, em nós, anda a cantar.
Correr atrás dos sonhos, sem parar,

E sem saber sequer onde elles vão!

Quem morre a desejar é que é feliz.
Não conseguiu aquilo que mais quiz,
Mas teve sempre, sempre a mesma esperança.

Realisa-se um sonho? Pouco dura.
O bem fugiu. Porquê? Porque a ventura,
Só é ventura enquanto não se alcança!

(Namorados)

Poetisas de hoje

ALBERTINA PARAIZO é não só poetisa como jornalista. O seu livro *Rosas e Musgos* prefaciou-o João de Deus. ALICE OGANDO é poetisa de valor e actriz. Os seus livros *Intimidade* e *Chama eterna* foram consagrados pela critica. AMELIA DE GUIMARÃES VILLAR é do Porto. Tem muitos livros e bons. *Timidas aspirações* (1909) foi o primeiro. *Lgrimas* , Campos Monteiro prefaciou-lh'ó. BEATRIZ ARNAUT é a autora dos *Sorrisos côr de rosa* e *Saudade*. BEATRIZ DELGADO é a irrequieta e curiosa artista de *Meus vicios*, *Ritual do Amor*, *Sinfonia pagã*, *Amorosa*, *Setas de pontas de ouro*. Originais e curiosos livros. BRANCA DE GONTA COLLAÇO é filha de Thomaz Ribeiro de quem herdou o genio poetico. *Canções do meio dia*, *Auto dos Pharoleiros*, *Hora da sésta*, *Ultimas canções*, *Matinas*, *Poetas d'hontem*, *A' marguem das chronicas* dizem-nos como é merecido o renome que disfructa. CANDIDA AIRES DE MAGALHÃES. Filha de Christóvão Aires poeta tambem. *Trevas luminosas* e *Asas feridas* mostram o seu estro magnifico. DOMITILIA DE CARVALHO. Medica e professora. Formada tambem em philosophia e matematica. O seu primeiro livro *Versos*, 1909, prefaciou-lh'ó Affonso Lopes Vieira. *Terra de Amores* é um livro magnifico. ESMERALDA SANTIAGO. *Triste* é o nome do livro notavel que Julio Dantas prefaciou. FERNANDA DE CASTRO.

Cidade em flôr (1924) é o seu livro mais lido. Tem poesias tão curiosas como originais. FLORBELLA ESPANCA. Em 1920 publicou o *Livro de Maguas* e após o *Livro de "Sóror Saudade"*. LAURA CHAVES é a auctora dos volumes *Esboços*, 1919, *Trovas simples*, 1921, *Vozes Perdidas*, etc., livros apreciadissimos. MAFALDA DE CASTRO é a filha de Eugenio de Castro. O seu livrinho *Botões de rosa*, 1923, é bem mais do que uma promessa. MARIA AMELIA TEIXEIRA é autora do livro *Despertando*, pleno de inspiração. MARIA ANA ACCIAIOLI TAMAGNINI é a musa impregnada de Oriente. O seu livro *Lin-Tchi-Fá*, 1925, foi um acontecimento litterario. MARIA CANDIDA PARREIRA advogada considerada e poetisa de nome. *Versos*, é o titulo do seu primeiro livro. MARIA DE CARVALHO. E' nome de uma das mais notaveis poetisas portuguezas. *As Sete Palavras*, 1915, *Pensamentos*, 1919, *Folhas*, 1921, e *Sonetos* que tem 2 edições, constituem uma tão notavel como formosissima obra. MARIA DO CARMO PEIXOTO. *Folhas ao vento* é o titulo do seu livro de versos. Faz tambem magnifica prosa. MARIA GABRIELA CASTELLO BRANCO. *Algo*, 1925, é um livro. Colabora tambem habitualmente no *Diario de Noticias* com prosa excellente. *Lusitanicas* é outro livro seu. MARIA INÊS LUPI NOGUEIRA. Tem um bello livro de *Sonetos*. MARIA LEONOR REIS. Filha de Carlos Reis é uma poetisa a valer. *Interrogando...* é o titulo do seu livro. O publico respondeu applaudindo. MARTA MESQUITA

DA CAMARA. Filha de Camara Lima. Poetisa de excepcional valor e inspiração. *Pó do teu caminho* é o seu livro. OLIVA GUERRA. Escreve livros de versos e faz critica musical. *Espirituaes* em 1922 marcaram. ROSA SILVESTRE. Pseudonymo que occulta uma alma de verdadeira poetisa. VIRGINIA MADEIRA. Auctora de *Quadras*, 1925. Lindo voluminho de versos. VIRGINIA VITORINO. A mais discutida mulher de letras de Portugal. *Namorados* tem 10 edições. *Apixonadamente* e *Renuncia* são excellentes livros. A sua peça *Degredados* foi um acontecimento litterario e theatral.

ENP



Fac-simile da parte de trás da capa